

BALEIA AZUL – A LUTA PELA MORTE

| PAULO MARCHON¹

RESUMO

Baleia Azul é um processo horroroso de indução ao suicídio existente na internet, perpetrado por um “Criador” que, auxiliado por “curadores”, marcam os passos para a morte e estimulam pobres coitados, após cumprirem seu martírio, a desenharem a Baleia Azul em seus próprios corpos e se matarem. O “Criador” considera seus prosélitos como lixo do mundo, e assim os trata. O processo lembra o *Mensur* que grassou na Alemanha. O autor do presente trabalho lembra-se de Dostoievski, que foi perdoado pelo czar quando já estava amarrado ao poste para ser fuzilado e escreveu para o irmão uma carta famosa em que dá imenso valor à vida. Descreve também os esforços de uma mulher que viveu 50 anos lutando pela sobrevivência, apesar de ser tetraplégica.

Palavras-chave: Baleia azul; Mensur; Dostoievski; Suicídio; Covardia; Coragem; Lixo do mundo; Desvalorização.

ABSTRACT

Blue whale is a horrible process of suicide induction. A game on the internet, perpetrated by a “Creator”, and assisted by “curators” who give the poor victims a list of tasks and incite them to commit suicide, after they have met their martyrdom and draw a Blue Whale on their bodies. The author reminds us of the *Mensur*, a widely practised game in Germany, and Dostoyevsky’s trial, when he received the forgiveness from the Czar as he had a close encounter with a firing squad, followed by the famous letter to his brother where he mentions his immense love for life. He also describes the efforts of a woman who lived for 50 years, struggling to survive despite being quadriplegic.

Keywords: Blue whale; Mensur; Dostoyevski; Suicide; Cowardice; Courage; Biological waste.

¹ Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro - SBPRJ, da Sociedade Psicanalítica do Recife - SPR e da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza – SPFOR.

Vamos iniciar pelo inverso – a luta pela vida. Uma bela mocinha de quatorze anos, cheia de vida e de esperança, alegre, passeando com a família em uma calçada de Fortaleza, foi atingida, há 50 anos, por um carro, ficando tetraplégica – meio século inteiramente paralisada, do pescoço até a ponta dos pés. Para conseguir se alimentar, era necessário haver uma inclinação do seu pescoço que a deixava em posição que era incômoda e um tanto forçada. Se quem estivesse cuidando dela não tomasse esse cuidado, o alimento ou a água iria para a traqueia, com graves consequências.

Eu sabia que ela vivia em um quarto de hospital por caridade, cuidada pela irmã. Vocês podem imaginar todas as infecções possíveis, pensar nas complicações que ocorriam no seu corpo de mocinha paralisado, nas dificuldades que enfrentava, nos constrangimentos que sofria, pois era muito inteligente, sensível e perspicaz. Pensem em tudo de ruim possível, em todo o sofrimento da jovem inteiramente lúcida, mas brutalmente jogada nessa situação. Uma pequenina cabeça com o corpinho de uma Pequena Sereia sem se mover. Vamos dizer que sua cor também era Azul, mas um Azul de Vida, embora completamente paralisada, vendo dia e noite passarem sabendo que não tinha chance de qualquer modificação física. Saibam que a realidade ultrapassava em muito tudo, tudo o que vocês poderiam imaginar de ruim e de sofrimento neste meio século de luta pela vida.

Mas como ela lutava pela vida, Deus meu! O quarto de hospital em que viveu por caridade durante decênios – uma vez que, por lei, o SUS não podia pagar, e a família menos ainda – não possuía angulação suficiente para que a Pequena Sereia Azul pudesse ver através da janela. Ela crescia, se tornando adulta, e permanecia ali, diante do tempo, da solidão, das paredes, dos abandonos, mas também das presenças, embora poucas, tão expressivas e bem-vindas presenças!

A Pequena Sereia Azul faleceu, há poucos meses, diante destas poucas presenças.

O que eu estou falando é por informação. Nunca fui visitá-la. Nunca tive esta coragem. Uma grande parte da humanidade é assim como eu, não tem tanta coragem ou tanta Humanidade. Podemos tentar justificar e argumentar, dizendo que ver de perto aquela cena trágica de um ser paralisado por completo é algo

terrível demais. Sei que há situações também terríveis, como a de pessoas que sofrem como Stephen Hawking ou a de pacientes que têm a ELA, a terrível Esclerose Lateral Amiotrófica, que conduz lentamente à paralisia de todos os músculos do organismo e, ao final, paralisa funções como a respiração e a circulação.

Sei que algumas pessoas iam ver a Pequena Sereia Azul carinhosamente. Eram pessoas melhores do que eu. Não vou falar na irmã que, durante este meio século de tetraplegia, tratou dela em tempo integral e com imenso amor. É uma santa; merece ser canonizada.

Mas desejo continuar falando da minha Pequena Sereia, que teve a vida destroçada aos 14 anos e que não foi beijada por nenhum príncipe. Com toda essa tragédia da tetraplegia, quem ia lá visitá-la se encantava ao vê-la. Ela estava sempre alegre, encantando a quem lá chegava, fosse gente conhecida ou desconhecida. Havia algo de extraordinário nela: os que iam lá se sentiam tocados por ela. Todos saíam encantados; parecia uma fada. Dizer que ela era uma psicoterapeuta nata é insuficiente. Nas poucas vezes em que os enfermeiros tiveram que transportá-la em maca, ela dizia, jocosamente, carinhosamente, com um sorriso matreiro nos lábios, para aqueles que a transportavam: “Tenham muito cuidado comigo, porque se me deixarem cair e me quebrarem a perna, eu vou reclamar ao diretor!” Em outra ocasião, conduzida também na maca, ocorreu de iniciar uma chuvinha. Quando quiseram protegê-la dos pingos d’água, ela disse: “Não! Por favor, deixem-me sentir um pouco a chuva no rosto. Está tão bom. Há muitos anos que eu não sinto este gostinho”.

Nossas Pequenas Sereias e Pequenos Príncipes precisam saber que o mais importante na vida é a própria vida. Todos temos este dom maravilhoso que é a vida, e com ela temos a chance de fazer algo de bom para nós e pelos irmãos.

É um fato extraordinário podermos lutar pela vida nos seus mais diversos, nos seus mais diferentes e amplos aspectos. Não temos obrigação de vencer nada. Só temos que lutar, nos esforçar pela nossa vida, nossas existências – e fazer o máximo possível pelos nossos semelhantes, nossos irmãos. Por falar em irmão, lembrei-me de uma carta de Dostoievski, o grande escritor russo, dirigida exatamente ao seu querido irmão.

Em sua juventude, Dostoievski foi preso e condenado à morte pelo czar da Rússia porque estava frequentando um grupo que se reunia para discutir ideias socialistas. Quando faltava um minuto para ser fuzilado, no momento em que ia ser amarrado ao poste, chegou o perdão concedido pelo czar. Dostoievski disse mais tarde que, nos momentos que antecediam sua morte, só estava pensando no querido irmão.

Para esse irmão, ele escreveu uma carta exultante de alegria, logo após saber que não mais seria fuzilado, embora o czar tivesse mantido ainda uma terrível condenação para ele: quinze anos na gélida Sibéria. Na carta, ele pedia efusivamente ao irmão para ir cumprimentar a todos os amigos e dizia:

Viva positivamente. Nunca estive trabalhando dentro de mim com tanta sábia exuberância de vida espiritual como agora. Mas meu corpo aguentará? Estou indo cumprir 15 anos de prisão na Sibéria. Estou com escrúpula. Mas nada importa! Irmão, atravessei tantas coisas na vida, que nada me atemoriza. Venha o que vier! [...]. A vida é uma dádiva, vida é felicidade, cada minuto poderia ser uma Era. *Si jeunesse savait!* Se a Juventude soubesse... Eu serei renascido para algo melhor. Esta é minha completa esperança, meu completo conforto! (Schuster, 1940).

Após quatro anos de prisão na Sibéria, a sentença de quinze anos de Dostoievski foi comutada e ele foi libertado. Alguns de seus livros aludem a esses quatro anos de sofrimentos terríveis, iniciados em 1849, quando ele tinha 28 anos, apenas.

O livro *A casa dos mortos*, que relata um pouco desse período, é de 1861, sete anos após sair da prisão. Lembremos que, então, era crime ex-prisioneiro descrever detalhes das prisões. O czar era o czar. A vida, para Dostoievski, foi sempre uma dádiva, apesar de ser epilético numa época em que não havia nenhum tratamento para esta doença. Morreu aos 60 anos de idade em virtude de uma hemorragia pulmonar. Milhares e milhares de jovens acompanharam a multidão que levou seu corpo ao cemitério. Um diplomata francês disse que seu enterro foi apoteótico. Pode haver uma dignidade na morte. Eu escrevi esta história do grande escritor russo em meu livro *A psicanálise da "Carta ao pai", de Kafka* há alguns anos.

Vamos a outra história do passado, muito semelhante a histórias da atualidade:

Jerome K. Jerome, escritor e editor inglês, examinando, em 1858, uma espécie de esporte muito comum na Alemanha, se é que se pode dar tal nome a esta prática, denominada *Mensur*, disse que se tratava de uma luta entre jovens tão terrível que não deveria ser descrita para que não houvesse estímulo à mesma. Situação semelhante vivemos agora com a *Baleia Azul e seus 50 passos*, que culminam no ato de desenhar no próprio corpo uma baleia e depois praticar o suicídio. Provavelmente, seria muito grande o medo da morte nos jovens que se candidatam à prova da Baleia Azul. Eles têm que negar tal terror sufocando-o no inconsciente, o que lhes permitiria abrir o peito e se lançar nos braços da morte como se fosse uma brincadeira, um jogo.

O *Mensur*, na Alemanha, teria apoio de parte importante da sociedade, pois todos os jovens que o praticavam eram vistos como corajosos defensores da honra e da pátria. Era uma luta de sabres em que os ferimentos, em ambos os contendores, eram procurados ativamente pelos participantes. Os bárbaros ferimentos eram tratados sem piedade e de maneira dolorosa até nos momentos de serem feitos os curativos, pois o valor das vítimas era enfrentar a dor e desdenhar do sofrimento. Os judeus, que eram muito discriminados na época, também faziam suas lutas, seus *Mensurs* à parte. A loucura sempre existiu e não escolhe povo ou país. Mas, de alguma forma, o ser humano escolhe certas loucuras. Karl Koller, judeu, colega e amigo de Freud, que entrou para a história realizando o feito notável da descoberta dos efeitos anestésicos da cocaína, recebeu um telegrama de cumprimentos de Freud após uma vitória em um destes duelos. Mas voltemos aos tempos atuais; aos tempos da Baleia Azul.

Comparemos: nos tempos do *Mensur*, havia alguma dignidade e algumas chances, talvez semelhantes, entre os contendores. No jogo da Baleia Azul, o “curador” luta de forma desigual, utilizando todas as armas à sua livre disposição, enquanto a pobre coitada da vítima oferece, como única arma, o próprio coração. É muita covardia do “Criador” e do “curador” da Baleia Azul. Entre nós, Valton Miranda Leitão foi o primeiro a falar no *Mensur*, faz alguns anos. Peter Gay, no livro *O cultivo do ódio*, deve ter sido nossa fonte comum de informação.

Pelo que disse o seu criador, o jogo Baleia Azul seria uma maneira de fazer

uma “limpeza do desperdício da sociedade, do lixo”. É assim que ele vê nossos Príncipes e Princesas azuis. Ele os vê como lixo.

Podemos compreender que, para criar um jogo assim, ele realmente vê seus semelhantes não como seres humanos com a maior dignidade que lhes é intrínseca, mas sim como lixo, e que tal sentimento encontra apoio nas pessoas com grandes exigências interiores e que, por isso, se veriam como lixo a serem eliminados, varridos da face da Terra.

Podemos admitir que na realidade interna do “Criador” e dos “curadores” dessa proposta mortífera haja imenso desapareço por si mesmos e que tal desapareço seja negado e projetado nos pobres coitados que cumprem os desígnios que eles expelem. Quem procura a Baleia Azul não se sente uma pessoa, mas sim um lixo.

Todos nós vivemos sob uma espada de Dâmocles em nossos pescoços. A espada de Dâmocles consistiria na possibilidade de morrer a qualquer momento e quando menos se espera. Todos nós vivemos e convivemos com este medo, o medo da morte. É bem verdade que a dita espada está mais insegura e mais pesada no pescoço de alguns...

Vamos à história da vida de um psicanalista que foi herói na Primeira Guerra Mundial. Wilfred Bion é o seu nome. Ele recebeu, pelos seus feitos, as maiores condecorações da Inglaterra e da França: a D.S.O. e a *Légion d'Honneur*. Ele descreveu, em seus livros, o pavor que sentia ao se defrontar com as batalhas, chamando-se de covarde o tempo todo. Viveu até os 82 anos, sempre se vendo como tal: um covarde. Ao saber que iria morrer de um câncer incurável, disse: “É, a vida, por vezes, nos traz surpresas desagradáveis”. Não foi tão covarde assim. Uma semana depois, morria. Psicanalistas lutaram na Primeira e Segunda Guerra Mundial; alguns foram presos em campos de concentração uns morreram e outros sobreviveram. Bion era nosso herói na guerra, mas jamais escondeu seu medo da morte. Na véspera de batalhas, ele se sentia um covarde, tal era o medo. Muitos anos depois, Hanna Segal comentou que ele, Bion, demonstrava ter muito medo de morrer também. E lá se vai a coragem de nosso último herói da Psicanálise.

Todos vivemos esse medo de morrer. Estamos sempre expostos e na expectativa deste desabamento fatal, final, terrível, angustiante, mas a maioria de nós vai em frente assim mesmo, tentando esquecer essa desgraça – a morte – sem pensar como ela vai acontecer. A gente vai vivendo, amando, odiando, brigando, fazendo as pazes, construindo, desconstruindo, vendo a beleza do mundo ou não vendo, trabalhando ou não trabalhando, sei lá, vai simplesmente vivendo e não pensa que vai morrer.

Você, Baleia Azul, vai nos achar uma cambada de covardes, enquanto você seria o supercorajoso, o super-herói, aquele que segue todos os 51 passos do suicídio, seguindo religiosamente o seu Novo Deus, o seu novo Criador. O seu “curador” parece ser um medroso como eu e permanece vivinho, enquanto manda você para a morte, afirmando que você é lixo. Você enfrenta toda a sequência de sofrimentos físicos e mentais e termina com a sua própria morte.

Mas será que era preciso que você exterminasse a sua vida para mostrar que era um ser humano especial, um super ser humano? Você sempre foi um ser humano especial para todos nós. Sentimos tanto a sua falta. Com o seu ato, o que você fez foi nos deixar, como lembrança e herança, uma morte mais forte ainda. Como vamos nos arranjar agora, com sua falta? Você era nosso bastião, nossa segurança. Temos medo de falar no que você fez, mas não podemos nos calar: “Você que está desejando tornar-se uma Baleia Azul, você é nossa Pequena Sereia e nosso Pequeno Príncipe. Fique conosco! Venha nos ajudar a lutar pela vida! Precisamos de você! Todos nós temos medo, muito medo da morte, não é só você, não!”.

REFERÊNCIAS

- Bion, W. (1985). *All my sins remembered*. Fleetwood Press.
- Schuster, L. (1940). *A treasury of the world's Great Letters from ancient days to our own time*. New York: Simon and Schuster, Inc.
- Gay, P. (1993). *O cultivo do ódio*. São Paulo: Cia. das Letras.
- Marchon, P. (2012). *Carta ao pai*, de Franz Kafka. Rio de Janeiro: Bookmakers.
- Marchon, P. (2013). *The psychoanalysis of Franz Kafka's Letter to my father*. Rio de Janeiro: Bookmakers.